

Comuna de Teatro

ZORA SELJAN

UM POUCO DA HISTÓRIA DO T. B. C.

SÃO PAULO (De A. Carvalhaes, especial para O GLOBO) — Neste momento em que o T. B. C. atravessa uma de suas mais sérias crises, não tem falta de os lances dramáticos para tentar impedir a qualquer custo o seu desaparecimento, será oportuno recordar um pouco de sua brilhante história.

A idéia de fundar o Teatro Brasileiro de Comédia, em 1948, surgiu dois anos antes entre uma dose e outra de "whisky", entre uma e outra discussão sobre o teatro alante de então. Figuras da sociedade, como Franco Zampari, Maria Helena Ramos, o falecido Antônio Prado Júnior, Marjorie Prado, Fifi Assunção, Maria José Rheinantz, Isabel e Maria Morais de Barros, Alice Guimarães, Guilherme de Almeida e Abílio Pereira de Almeida, que freqüentavam o Jequitibá, varavam madrugadas em porfias, achando uns que só existiam o teatro francês, o inglês e o italiano e que nem o norte-americano contava, ao passo que Zampari era da opinião que o brasileiro, dadas as suas características latinas, era também capaz de fazer um teatro que, em tempo oportuno, rivalizaria com o europeu.

Zampari tratou de obter da Prefeitura a concessão do Triângulo, na Avenida Paulista, que era um "gandim". As negociações falharam. Abílio Pereira de Almeida e Madalena Nicol encontraram, então, o velho casarão da Rua Maler D'Algo. O negócio era bom: 3 mil metros quadrados por 50 mil cruzeiros mensais. O difícil foi convencer os acionistas que numa rua de cortijos e de casabres se podia instalar um teatro digno. Mas, lembrou Zampari, em Paris existiam teatros elegantes até em ruas de acesso tortuoso. E as reformas tiveram início sob a direção dos engenheiros Malerama e Belluci. Dona Fifi concebeu o ambiente (que é de uma simplicidade quase fran-

ciscana). Noventa dias depois estava pronto o teatro que, apesar de pequeno (350 lugares), haveria de operar uma gigantesca mudança na arte cênica nacional.

A inauguração deu-se a 11 de outubro de 1948, com Henriette Morineau interpretando em francês o monólogo de Jean Cocteau, "A Voz Humana", a que se seguiu a peça de estréia de Abílio, "A Mulher do Proximo". Daí por diante, muitas foram as figuras de relevância que passaram por aquele palco. Quem deixou marca mais forte, entretanto, foi Adolfo Celi, que criou diversos espetáculos considerados de nível internacional, como também o eram os trabalhos de seus compatriotas Luciano Salce ("Anjo de Pedra"), Flaminio Bollini Corri ("Rale"), Gianni Ratto, todos especialmente importados da Itália, sem esquecer o veterano Ziemlinski e, mais recentemente, Alberto D'Aversa ("Um Panorama Visto da Ponte") e Flávio Rangel ("O Pagador de Promessas"). Para que estes dados não fiquem incompletos vamos citar os nomes de alguns dos grandes artistas de hoje que se iniciaram ali ou no T. B. C. cresceram: Sérgio Cardoso, Cecília Becker, Maria Della Costa, Tônia Carrero, Paulo Autran, Nydia Lícia, Cleyde Yaconis, Célia Biar, Walmar Chagas, Fernanda Montenegro e tantos outros que, no melhor dos casos, têm elenco próprio.

O T. B. C. criou um tipo inédito de espetáculo no Brasil, que vigorou durante dez anos seguidos, até que o Teatro de Arena veio a dar nova feição à dramaturgia e consolidar o talento indígena. Sem dúvida alguma, o teatro que existe hoje em dia surgiu do T. B. C., que por sua vez surgiu do nada. Eis por que o T. B. C. não pode voltar a ser apenas mais um casarão na rua dos casarões.

As novidades

"CYRANO de Bergerac" é a grande novidade do Teatro Experimental do Sesi para este ano (se a S.B.A.T. der permissão). Antes, porém, serão encenadas "A Beata Maria do Egípcio" (m. l.), com os ensaios já bem adiantados, e "Garotas do Verão", de Richard Nash (autôro).

AINDA sobre os planos de Osmar Rodrigues Cruz, diretor do T.E.S., podemos adiantar que ele está estudando com o máximo interesse a realização de uma série de exposições de filmes baseados em peças teatrais, para os alunos do curso de Teatro, aproveitando o material cinematográfico sem uso do Sesi. A programação poderia ter início dentro de alguns dias com a projeção já acertada de "As Felicitas de Salém".

BENEDITO CORSI, ator e diretor-artista do T.B.C., escreveu um original em três atos chamado "A Casa dos Milagres". Três personagens são masculinos e dois femininos.

O TEATRO DA CIDADE, que em conjunto com a Companhia Nydia Lícia irá montar "Quarto de Despejo" vem fazendo rigorosa seleção de tipos para compor fielmente o "background" da favela do Galvão. A própria Carolina Maria de Jesus está presente à primeira entrevista com os candidatos ao papel. No primeiro dia de convocação apresentaram-se ao diretor Amir Haddad 16 pretendentes. Desses, apenas 7 "haviam lido o "best-seller" que originou a dramatização de Ely Lina. E nenhum dos sete terminou a leitura do livro.

"CHA E SIMPATIA", novamente em cartaz no Teatro Bela Vista, subiu à cena brasileira pela primeira vez na noite de 2 de maio de 1957, em comemoração ao primeiro aniversário do T.B.V., tendo permanecido em cartaz por treze semanas. O estado de saúde de Nydia Lícia determinou a interrupção dos espetáculos, mas uma vez restabelecida a atriz, voltou a peça a ser representada por dois meses. Em 1958, a obra de Robert Anderson foi apresentada durante uma semana no Teatro Independência em Santos, tendo Sérgio Cardoso substituído Jorge Ficher Júnior como Tom Lee. Em outubro, o elenco transferiu-se para o Teatro Copacabana, no Rio de Janeiro, onde o principal papel masculino foi retomado por um estreante: Renato Borghi. Nesta remontagem de Nydia Lícia, que segue a direção original de Sérgio Cardoso, o "personel" é: Evrdia Ercio.

RECEBEMOS uma sugestão de um leitor no sentido de que as notícias de São Paulo fossem publicadas nesta e o lina, sempre que houvesse um fato importante e não apenas às terças-feiras, como vem sendo feito. No entanto, muitos de nossos leitores impõem tal medida. As informações de caráter urgente como o andamento da crise do teatro paulista por exemplo, vão tendo cobertura diária na coluna "De São Paulo", ou então em reportagens mais amplas.

VÁRIAS Mitreê Silveira irá profetizar na primeira quinzena de abril vindouro a aula inaugural do curso de Sociologia do Teatro da Sociedade dos Artistas Independentes. *** O Teatro Cecília Becker comemorou três anos de existência durante os quais montou 11 peças, sendo 6 nacionais. *** A Companhia Nydia Lícia coreografará em Santos duas semanas de espetáculos. *** Para o Festival Camarões de São Paulo de 1960, inscreveram-se 10 peças que deverão ser lidas, teatro de um país



O prédio do Teatro Brasileiro de Comédia, cuja sorte preocupa toda a classe teatral

DESTAQUE

MAIS seis países (os outros eram Austrália, Alemanha, Argentina, Estados Unidos, Inglaterra e Itália), confirmaram sua presença na III Bienal de Teatro de São Paulo: Espanha, Japão, Polónia, Iugoslávia, Tcheco-Eslôvaquia e França. Esta última nação especificou também qual será a sua participação. Montará no Parque Ibirapuera quatro salas: uma com maquetes de Jacques Nol, outra com esquetes de Chapelin-Ney, uma terceira com costumes e cenários executados por alunos de quatro escolas de teatro, e a última com cenários de vários teatros. Com a exibição de fotos, maquetes, cartazes e programas participarão os seguintes elencos: Teatro Nacional Popular, Comédie Française, Cia. Renault-Barraut, Teatro de Liou, Comédie de Saint Etienne e Teatro Centro do Lesie.

CARTAZES EM SÃO PAULO 14 de Março de 1961

TEATRO E PEÇA	AUTOR	COMPANHIA	SEMANAS EM CARTAZ
Federação ... Em Moeda Corrente do País	Abílio Pereira de Almeida	Teatro Cecília Becker	13
Bela Vista Cha Simpatia	Robert Anderson	Nydia Lícia	2

REVISTAS: "Fogo na Barba" (Natal-Sala Azul) e "Entre Louras e Morenas" (Natal-Sala Vermelha). DEIXARAM O CARTAZ: "As Felicitas de Salém" (12 semanas no Maria Della Costa) e "Pintado de Alegria" (6 semanas no Arena). ESTREIAS: "Eu Sou o Espalçador" (noje no Paramount) e "O Show Sou Eu" (5.ª-feira no Arena).
